

Zona sul de Porto Alegre: uma experiência em história oral

South zone of Porto Alegre: an oral history experience

Claudia Musa Fay¹
Janete Machado¹

Resumo: Ao realizar uma pesquisa sobre a zona sul de Porto Alegre, em especial no bairro Ipanema deparou-se com um conjunto de memórias construídas pelos moradores do local. Por ser uma história recente, optou-se por utilizar como fonte de pesquisa as entrevistas gravadas com os indivíduos que participaram ou testemunharam os acontecimentos do bairro. Todas as entrevistas realizadas foram depositadas no Laboratório de Pesquisas em História Oral da PUCRS (LAPHO) e ao longo do tempo possibilitaram a produção de uma Dissertação de Mestrado e um Projeto de Doutorado. A realização da pesquisa tornou possível recolher um acervo significativo de fotografias, cartas e entrevistas, que foi sendo disponibilizado para comunidade através da imprensa e de um Blog criado pela pesquisadora Janete Machado. O propósito, ao relatar a experiência, é incentivar outras práticas e preservar a memória do lugar para que seja compartilhada pelas novas gerações.

Palavras-chave: Porto Alegre; história oral; veraneio; memória; cidade.

Abstract: During the realization of a research about the South Zone of Porto Alegre, especially in the Ipanema neighborhood, a set of memories constructed by the local members was observed. Because of its recent history the choice that was made was to use the recorded interviews done by the individuals that participated or witnessed the neighborhood facts that occurred. All the interviews were deposited in the Oral History Research Laboratory of PUCRS (LAPHO) and over time made possible the production of Masters Dissertation and a Doctoral Project. The realization of the

¹ Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

research made possible to retract a meaningful collection of photographs, letters and interviews, which was becoming available to the community through the press and a Blog created by the researcher Janete Machado. The purpose, relating the experience, is to encourage other practices and to preserve the memory of the place so that can be shared with the new generations.

Keywords: Porto Alegre; oral history; summer vacation; memory; city.

INTRODUÇÃO

No ano de 2008, a professora e historiadora Dra. Sandra Jatahy Pesavento aposentou-se da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Na ocasião, seria contratada pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Estava tudo certo para ela começar a lecionar no mês de março daquele mesmo ano e ela iniciaria suas atividades com uma turma de Graduação de História, ministrando aulas na disciplina de Estágio da Pesquisa, porém uma fatalidade a impediu de prosseguir os seus projetos.

Soube, então, que estava doente, quando me chamou à sua casa, e contou-me que havia contraído uma hepatite. Naquele momento, pensamos que seria um tratamento rápido, sem gravidade, e, por isso, assumi sua turma na PUCRS. Sandra chegou a preparar o Programa da disciplina, escolhendo, inclusive, a bibliografia. Como estava muito interessada pelo estudo das “cidades”, pensou em propor aos alunos pesquisas sobre Porto Alegre e seus bairros. Havia publicado, recentemente, o livro “O Imaginário da cidade, visões literárias da cidade”, numa abordagem orientada nas representações literárias, o imaginário e as sensibilidades de uma época. Na obra, Sandra postulou sobre as cidades de Paris, Rio de Janeiro e Porto Alegre, pois estava envolvida com a temática urbanística desde 1994, quando escreveu “Os pobres da cidade” e “Imagens urbanas”, de 1997.

No início daquele ano de 2008, conversei com a turma, que ficou entusiasmada com a ideia de serem alunos da Professora Sandra Pesavento. Acreditei, mesmo, que seriam poucas aulas que eu teria que ministrar, substituindo-a. Perguntei aos alunos sobre seus bairros residenciais e sobre a possibilidade de escreverem sobre eles. Uma das alunas inscritas na disciplina era a Janete da Rocha Machado. E ela me disse: “Sou da zona sul, moro em Ipanema desde pequena e gostaria muito de pesquisar e escrever sobre o bairro”. Passaram-se oito anos e, nesse período de tempo, Janete concluiu a graduação e o mestrado em História, e atualmente cursa o doutorado, cuja temática é a zona sul de Porto Alegre. O objetivo do artigo é registrar não só a experiência da doutoranda, mas também compartilhar seus resultados da pesquisa em História Oral.

A partir da busca de novos fatos para compor a história do veraneio da zona sul de Porto Alegre, a pesquisa deparou-se com um conjunto de memórias construídas por moradores, resultado de vivências do passado e de lembranças reconfiguradas no presente. A história oral se constitui em fontes obtidas a partir da realização de entrevistas gravadas com indivíduos que participaram ou testemunharam acontecimentos do passado e do presente. Durante cerca de oito anos, foram feitas entrevistas com famílias, outrora veranistas dos balneários analisados². É importante que se diga também que a maioria dos depoentes são grupos com idades que variam entre 60 e 90 anos, porém todos em perfeitas condições intelectuais.

Para Ecléa Bosi (1994, p. 63), estudiosa da memória e das lembranças dos mais velhos, “há um momento em que o homem maduro deixa de ser um membro ativo da sociedade, deixa de ser um propulsor da vida presente do seu grupo. Nesse momento de velhice social resta-lhe, no entanto, uma função própria: a de lembrar”. Para a autora, “os velhos são a fonte de onde jorra a essência da cultura, ponto onde o passado se conserva e o presente se prepara” (*ibidem*, p. 18). Eles são os guardiões do passado e a eles é dada a função social de lembrar e aconselhar, pois para esses grupos a lembrança é a sobrevivência do passado, o qual se conserva no espírito de cada ser humano,

²Todas as entrevistas gravadas estão disponíveis para consulta no Laboratório de Pesquisas em História Oral da PUC-RS (LAPHO). Disponível em: <<http://www.lapho.com.br/>>. Acesso em: 4 jan. 2014.

afiorando a consciência na forma de imagens e de lembranças. Ecléa salienta ainda a importância da convivência dos velhos com os mais jovens e adultos num processo pleno de aculturação:

O reviver do que se perdeu, de histórias, tradições, o reviver dos que já partiram e participam então de nossas conversas e esperanças; enfim, o poder que os velhos têm de tornar presentes na família os que se ausentaram, pois deles ainda ficou alguma coisa em nosso hábito de sorrir, de andar. Não se deixam para trás essas coisas, como desnecessárias. Esta força, essa vontade de revivescência, arranca do que passou seu caráter transitório, faz com que entre de modo constitutivo no presente (BOSI, 1994, p. 74).

Assim, a investigação avançou a partir dos dados obtidos com a história oral. Para Paul Thompson (1992), a importância de uma entrevista para a história é que ela é um testemunho e, como tal, contém afirmações que podem ser avaliadas de forma a fornecer informações tão válidas quanto as que provêm de outra fonte. São testemunhos que, de certa forma, foram excluídos ou colocados no anonimato sem direito à memória. A oralidade na história do veraneio da zona sul serviu para construir a narrativa.

Segundo Jacques Le Goff (1996, p. 429), há especialistas na memória que o autor identifica como os “homens-memória”. Para Le Goff, os homens-memória podiam ser os guardiões dos códices reais, historiadores da corte, tradicionalistas, chefes de família idosos ou sacerdotes, mas todos com um importantíssimo papel de manter a coesão do grupo, pois ele será o indivíduo que vai lembrar mais do que os outros.

E essa memória só foi possível a partir dos dados coletados e documentados pela pesquisadora ao longo dos anos em que o estudo se desenvolveu. Dessa forma, priorizou-se, ao longo do trabalho, a coleta e o registro dos depoimentos, bem como de materiais, os quais acrescentaram fatos inéditos ao conhecimento sociocultural da cidade. O contato com acervos familiares, até então desconhecidos, trouxe à luz fatos novos ao trabalho, os quais permitiram a análise de novas representações acerca do veraneio vivido naqueles tempos.

Há que se considerar, ainda, que outra forma de se recuperar e preservar a história de um local é por meio dos lugares de memória. É a construção da memória das famílias, consolidada, neste caso, por pessoas ilustres, que, de alguma forma, foram importantes na configuração da cidade. A história do veraneio na zona sul possui alguns desses exemplos em nomes de ruas, de instituições e até em nome de bairros. Conforme informa Gay da Fonseca (2003, p. 132-133): “Hoje minha mãe é rua, é colégio, é instituto. No bairro Ipanema ela foi homenageada com seu nome para a escola estadual Odila Gay da Fonseca. Foi uma homenagem justa que o governo prestou a ela”.

Para Maria Cristina Dreher Mansur (2012), se justifica a homenagem a sua avó, pioneira na Pedra Redonda: “O nome do bairro Jardim Isabel foi em homenagem à minha avó Martha Elisabeth, pois todos a conheciam por Dona Isabel”. Fonseca (2012) relembra também a homenagem feita a Déa Coufal, esposa do loteador do bairro: “A Déa Coufal foi amiga da minha mãe. Elas percorriam isso tudo aqui fazendo um trabalho de assistência aos necessitados. O nome da rua é em homenagem a ela”. Observa-se nesse gesto uma forma de tentar preservar a memória histórica³ de um lugar e de um tempo perdido no passado. Conforme Pierre Nora (1993, p. 13)⁴:

³ Mais que os livros, filmes e programas de televisão mostram, há um forte interesse popular pelas memórias históricas. Esse interesse cada vez maior provavelmente é uma reação à aceleração das mudanças sociais e culturais que ameaçam as identidades, ao separar o que somos daquilo que fomos (BURKE, 2005, p. 88).

⁴ A história de um povo também pode ser contada através dos nomes das ruas das suas cidades. Os endereços que escrevemos em documentos, formulários, remetentes e destinatários de correspondência retratam características de um território, sinalizam acontecimentos marcantes e, em muitos casos, são nomes de pessoas, cujas histórias de vida a grande maioria dos cidadãos desconhece. É, sobretudo, entendida como uma forma de homenagear, *post mortem*, aqueles que se destacaram em vida (NORA, 1993, p. 13).

Os lugares de memória nascem e vivem do sentimento de que não há memória espontânea, e que é preciso manter aniversários, organizar celebrações, pronunciar elogios fúnebres, notariar atas, porque essas operações não são naturais, sem vigilância comemorativa, a história depressa os varreria.

Com o objetivo principal de resgatar a cultura, a origem e, principalmente, a história da região, a pesquisa evoluiu, não só no meio acadêmico, mas também na comunidade e na imprensa, somando um acervo bastante significativo. São imagens, entrevistas e depoimentos por escrito, os quais resultaram em uma considerável produção textual, com publicação mensal no Caderno zona sul e também no *Blog* do Jornal Zero Hora e outras publicações isoladas em revistas de história e periódicos (ZH ZONA SUL, 2013). Da mesma forma, a pesquisa viabilizou a construção de um *blog* na internet (JANETE..., 2013) com textos e ilustrações acerca da história dos bairros analisados, um conjunto de informações ilustradas que estão servindo para compor, de forma inédita, a história do lugar.

O VERANEIO DE ANTIGAMENTE: IPANEMA, TRISTEZA E OS CONTORNOS DE UM TEMPO PASSADO NA ZONA SUL DE PORTO ALEGRE

Modernos condomínios, localização privilegiada e uma das regiões mais valorizadas da cidade, assim é caracterizada, atualmente, a zona sul de Porto Alegre. Delimitada geograficamente por morros e arroios, a região engloba os seguintes bairros: Vila Assunção, Tristeza, Camaquã, Nonoai, Teresópolis, Vila Nova, Cavalhada, Sétimo Céu, Jardim Isabel, Vila Conceição, Pedra Redonda, Ipanema, Espírito Santo, Guarujá, Serraria e Hípica. Com uma orla que encanta o visitante e o morador, os bairros Ipanema e Tristeza, analisados nesta pesquisa, ainda apresentam, nos fins de tarde, o mais bonito pôr do sol da cidade.

Contudo, pouco se conhece sobre a história da região que, no passado, foi zona de veraneio daqueles que não podiam se deslocar até o litoral. Durante muito tempo, foi o local escolhido para o descanso e o lazer, pois eram as praias da Tristeza e Ipanema as preferidas pela população. E isso ocasionou um desenvolvimento econômico motivado pela vinda de pessoas, muitas delas oriundas de imigrantes alemães. Eram grupos que buscavam o descanso e o lazer à beira do Guaíba e, para isso, mantinham chácaras e confortáveis residências para uso familiar. O forte calor da cidade nos meses de janeiro e fevereiro empurrava a população para a zona sul, alterando assim a rotina.

A questão é que em um determinado momento a burguesia urbana porto-alegrense, onde avultavam os alemães, vai querer um lugar de veraneio. O mar (Torres) era muito longe. A Tristeza tinha até hotéis, que eram de propriedade dos alemães, todos empresários de origem germânica: donos de hotéis, restaurantes, armazéns e até de transporte coletivo (PICCOLO, 2013).

Conforme carta deixada por Martha Elisabeth Dreher (2012), comprova-se o hábito de adquirir terras na região:

Como aconteceu com muitos porto-alegrenses que não resistiram aos atrativos da hoje denominada zona sul, adquirindo sítios ou chácaras nos arredores da Tristeza e Pedra Redonda, também nós, meu marido e eu, acabamos comprando uma área de terras situada defronte à chácara Meyer, pertencente aos descendentes da família de Oscar Bastian Meyer na Pedra Redonda.

Essa aquisição ocorreu nos anos de 1920. O forte calor da cidade nos meses de janeiro e fevereiro empurrava a população para a zona sul, alterando assim a rotina.

Fato semelhante aconteceu com a família Silveira, proprietária de terras na encosta do Morro do Sabiá, uma área verde ainda hoje bastante preservada, possuindo belos exemplos de Mata Atlântica. Na década de 1950, desejoso de uma casa para aproveitar os fins de semana, Silveira adquiriu uma chácara de veraneio de Francisco Brochado da Rocha. Era uma linda propriedade arborizada à beira-rio, perfeita para o descanso e o lazer da família e dos amigos. “Sendo o atrativo maior, as águas limpas do Guaíba, muitos amigos vinham com a intenção de aproveitar o rio. O Guaíba era balneável e nas suas águas meus filhos mais velhos aprenderam a nadar, recebendo aulas de uma professora de natação” (SILVEIRA, 2013).

A existência de um trem municipal e de um trapiche na beira da praia, onde atracavam os vapores, facilitava a chegada dos grupos. “Muitas famílias de Porto Alegre vinham fazer o seu veraneio aqui, na Tristeza e na Pedra Redonda. Elas faziam isto: a mulher e os filhos ficavam toda a semana, e o marido trabalhava na cidade e vinha em um trenzinho que tinha aqui” (LUCE, 2013). O “Trenzinho” de que fala a depoente pertencia à Estrada de Ferro do Riacho, porque seu final de linha se situava, inicialmente, à beira do Arroio Dilúvio. Era uma linha de trem que percorria, desde o centro de Porto Alegre até a zona sul, cerca de quatorze quilômetros. Alguns historiadores, entre eles Sergio da Costa Franco, são unânimes em afirmar que foi devido ao trem que alguns bairros da zona sul progrediram.

As denominadas vilas balneárias, entre elas, Assunção, Conceição e Pedra Redonda – que integravam o bairro Tristeza –, foram as primeiras a atrair o porto-alegrense na primeira metade do século passado. Além disso, por ser o acesso à praia mais restrito, pois as residências possuíam praia particular, o local abrigava clubes náuticos aonde as pessoas também chegavam por barcos. As finas moradias da Pedra Redonda possuíam também ancoradouros próprios, guarda-barcos e equipamentos para a prática de esportes no rio. “Meu avô, Waldemar Bromberg (2013), praticava vela e remo no Guaíba, por isso ele era assim bronzeado. E nós, a terceira geração, também aproveitamos muito o rio”.

Tempos mais tarde, e como consequência do crescimento da Tristeza e arredores, seria a vez de Ipanema, a praia vizinha, despontar no cenário do verão. A atração maior ficava por conta das límpidas águas do Guaíba e da grande enseada aberta ao público que favorecia a chegada dos banhistas. Maria de Lourdes Mastroberti (2010), frequentadora assídua do Balneário Ipanema, aproveitava os domingos de calor e sol à beira do rio, fazendo piqueniques com as amigas. “Com dia bonito, a gente ia para aproveitar a praia. E tinha aquelas famosas barraquinhas – entrava para dentro, tirava o vestido e colocava o maiô. Ficava o dia inteiro de maiô na praia”.

Com o advento das primeiras estradas asfaltadas, surgem os loteamentos, crescendo a procura por terrenos à beira do lago. O acesso direto por ônibus e a existência de praia pública, diferente da Pedra Redonda, permitiu que Ipanema fosse procurada por uma classe mais popular, porém a compra dos lotes na nova praia foi feita por grupos da classe média, entre eles, profissionais liberais e funcionários públicos, os quais compraram seus terrenos e construíram confortáveis chalés. “Eram casas de madeira, próprias de verão, mais simples” (FONSECA, 2012).

Com um projeto urbanístico moderno, idealizado pelo engenheiro Oswaldo Coufal, surgiu nos anos 1930 uma praia no estilo de Copacabana, no Rio de Janeiro. O projeto previa ruas largas, calçadas e arborizadas, amplas avenidas e a promessa de se transformar na mais agradável estação de veraneio da população. O nome Ipanema foi uma homenagem do loteador à conhecida praia carioca, local em que Oswaldo Coufal costumava passar férias.

Assim, abordando questões urbanísticas e culturais, a pesquisa analisou a forma como ocorreu o desenvolvimento de parte da zona sul de Porto Alegre, a partir do veraneio na

primeira metade do século XX. Esse trabalho permitiu também, por meio desse recorte, um estudo sobre o processo de urbanização de Ipanema e Tristeza, bairros margeados pelo lago. A pesquisa, igualmente, reportou à questão da socialização dos grupos, a partir do convívio entre moradores e veranistas, em um determinado período do ano. E isso foi criando espaços públicos e privados, destinados ao veraneio e ao descanso. Surge, nesse período, em Porto Alegre, a necessidade de lazer que Dumazedier (1979, p. 25) vai chamar de “a dinâmica produtiva do lazer”, ou seja, o progresso científico e técnico leva ao aumento do tempo livre, bem como as mudanças socioculturais conduzem a uma regressão dos controles institucionais e à emergência de um novo desafio social do indivíduo de dispor de si próprio. Dumazedier define o lazer como um conjunto de ocupações às quais o indivíduo pode entregar-se de livre vontade para repousar ou para divertir-se:

O lazer é primordialmente liberação do trabalho profissional que a empresa impõe. Para a criança, é liberação do trabalho imposto pela escola. O lazer é liberação das obrigações fundamentais primárias impostas pelos demais organismos básicos da sociedade: instituição familiar, instituição sociopolítica, socioespíritual (DUMAZEDIER, 1979, p. 94).

Para entender como procede a questão do lazer nas sociedades ocidentais, torna-se necessário compreender as formas pelas quais os homens viveram seus múltiplos tempos, em especial o tempo do trabalho e o do não-trabalho. O tempo do não-trabalho seria o tempo livre, no qual o tempo do lazer estaria inserido. Assim, Dumazedier vai entender o lazer como um fenômeno que surge num período específico da história da humanidade. A partir, então, da Segunda Revolução Industrial (século XIX), com a automação dos processos produtivos, ocorre uma diminuição da carga horária de trabalho, ocasionando um tempo livre maior para os grupos desfrutarem do lazer e do descanso.

Essa liberação maior do trabalho, conforme Dumazedier (1979, p. 20), está relacionada aos progressos técnicos ocorridos ao longo dos anos, pois “todos associaram o desenvolvimento do lazer ao progresso da cultura intelectual dos trabalhadores e ao aumento de sua participação nos negócios da cidade”. Conforme o autor, o lazer não é ociosidade, pois ele não suprime o trabalho. Os momentos de descanso usufruídos pelo homem correspondem a uma liberação periódica do trabalho no fim do dia, da semana ou do ano com as férias. Na análise de Dumazedier (1979, p. 21), o direito do lazer foi, historicamente, reivindicado pelos grupos ao longo dos tempos: “o direito à preguiça é o grito de um homem erguido contra a redução do trabalhador ao papel de produtor”.

Desta forma, entende-se que o lazer empreendido pelos porto-alegrenses nas primeiras décadas do século vinte vai estar associado a permanências em lugares aprazíveis como as praias. E era isso que buscavam as famílias quando se dirigiam aos balneários do Guaíba: lazer à beira-rio. Em Porto Alegre, a ascensão social de algumas famílias, aliada às novas práticas de lazer, permitiu, ao longo da primeira metade do século XX, não só o uso de férias em lugares aprazíveis como a zona sul, como também o sonho de uma confortável casa de veraneio à beira-rio – um espaço de sociabilidades. Os grupos buscavam recreação proporcionada pelo Guaíba e pela região, como andar a cavalo, caçar, pescar, velejar e tomar banhos no rio.

Os encontros de famílias também serviam para compor as relações sociais e de negócios na região. Alguns balneários funcionaram como espaços de elitização, pois seus ocupantes faziam parte de uma classe privilegiada da sociedade da época. Por conta dessa elite, ora residente, ora sazonal, o sucesso de algumas praias esteve associado sempre aos incrementos ocorridos no local. A venda de terrenos à beira do lago, a construção de lindas vivendas, o embelezamento dos balneários, a administração de hotéis e restaurantes, bem

como a melhoria nos meios de transportes se deu por grupos de empreendedores⁵ (FAY; SCHEMES; PRODANOV, 2010) sagazes que souberam ampliar suas fortunas durante os anos vindouros do veraneio. Sobrenomes como Bier, Daudt, Bercht, Mentz, Dreher, Bromberg, Bins, Ely e Niemeyer, entre outros, são lembrados, na zona sul, pelas suas magníficas chácaras de verão à beira do Guaíba.

Como meu marido, através de seus negócios, era muito bem relacionado, nossa chácara na Pedra Redonda vivia cheia de gente. Entre os visitantes ilustres, lembro o Dr. Getúlio Vargas e a Dona Darcy, o Dr. João Neves da Fontoura, o Daniel Krieger, o Osvaldo Vergara, entre outros (DREHER, 2012).

De outra forma, a pesquisa revelou também questões como o aproveitamento das águas do lago para banhos e para o descanso da população em temporadas de calor e férias, ocasionando um crescimento urbano dessa parte da cidade. Assim, é fato que o processo de formação e desenvolvimento de alguns bairros da zona sul da cidade esteve diretamente relacionado à procura dos balneários pelos porto-alegrenses. E esse deslocamento até as praias do Guaíba foi consequência, na época, não somente do crescimento da população e da procura por lazer, como também pela dificuldade que era viajar até o litoral gaúcho. As longas distâncias e a precariedade das estradas dificultavam o veraneio nas “praias de mar”. Para se chegar a Torres ou Tramandaí era preciso, pelo menos, um dia de viagem, atravessando lagoas, matos e enfrentando dificuldades diversas. E esses fatos se comprovam com os estudos de Schossler (2010, p. 7), a qual afirma: “somente em meados da década de 1930, com os investimentos públicos na urbanização e infraestrutura dos balneários que o acesso às praias de mar tornou-se mais acessível”.

Assim, considerando-se todos esses aspectos, a história dos primórdios da zona sul de Porto Alegre, bem como de seu veraneio nas águas do Guaíba, remete a um tempo que perfaz mais de duzentos anos, o que atesta uma história de longa duração (BOURDÉ; MARTIN, 1990)⁶, a qual merece ser divulgada e, principalmente, preservada. Conforme Sérgio da Costa Franco (2006, p. 5), “uma cidade só existe, torna-se palpável, adquire densidade humana e espiritual, quando é capaz de resgatar de maneira permanente o seu passado. Sem passado não há história, sem história perde-se a identidade e o futuro”. A história de uma cidade é um verdadeiro legado para as futuras gerações. Importante resgate não só para a comunidade local, como também para os historiadores e pesquisadores. Uma peça que se soma a outra, formando assim um mosaico que constitui a história de Porto Alegre e do Rio Grande do Sul.

⁵ O termo empreendedor é proveniente da palavra *entrepreneur*, que no século XII, na França, era utilizada para designar a pessoa que incentivava brigas. No século XVI, o termo passa a descrever uma pessoa que tomava a responsabilidade e dirigia uma ação militar. No século XVII, surgem as primeiras relações entre assumir riscos e empreendedorismo, onde empreendedores estabeleciam acordos com governos para a realização de algum serviço ou fornecimentos de produtos, arcando com o lucro ou prejuízo. Entretanto, foi no final do século XVII e início do século XVIII que o termo passou a ser utilizado para se referir àquele que criava e conduzia projetos e empreendimentos. Ainda no final do século XIX e início do século XX, empreendedores eram confundidos com administradores, pois eram identificados apenas pelo ponto de vista econômico. Foi somente no século XX que ao termo empreendedorismo foi associada à ideia de inovação (FAY; SCHEMES; PRODANOV, 2010, p. 157-186).

⁶ Segundo Fernand Braudel, a história situa-se em três escalões, uma história dos acontecimentos que se insere no tempo curto (concepção positivista); a meia encosta, uma história conjuntural, que segue um ritmo mais lento, em profundidade, uma história estrutural de longa duração, que põe em causa os séculos (BOURDÉ; MARTIN, 1990, p. 131).

REFERÊNCIAS

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade:** lembranças dos velhos. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BOURDÉ, Guy; MARTIN, Hervé. **As escolas históricas.** Lisboa: Publicações Europa-América, 1990.

BROMBERG, Lilian Dorothy. **Depoimento.** [20 de março, 2013]. Porto Alegre. Entrevista concedida a Janete Fonseca.

BURKE, Peter. **O que é história cultural?** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

DREHER, Martha Elisabeth. **Carta escrita em 1970.** Acervo da Família Dreher adquirido em 2012.

_____. **Depoimento.** [10 de setembro, 2012]. Porto Alegre. Entrevista concedida a Janete Fonseca.

DUMAZEDIER, Joffer. **Sociologia empírica do lazer.** São Paulo: Perspectiva, 1979.

FAY, Claudia Musa; SCHEMES, Claudia; PRODANOV, Cleber. Arriscar e inovar: uma geração de empreendedores gaúchos do século XX. **Revista História Econômica & História de Empresas**, [s.l.], v. XIII, n. 1, p. 157-186, 2010.

FONSECA, Fernando Affonso Gay. **Retratos.** Canoas: Ulbra, 2003. p. 132-133.

FONSECA, Fernando Gay. **Depoimento.** [20 de dezembro, 2012]. Porto Alegre. Entrevista concedida a Janete Fonseca.

FRANCO, Sérgio da Costa. **Porto Alegre:** guia histórico. Porto Alegre: UFRGS, 2006.

JANETE & Porto Alegre. Blog. Disponível em: <<http://janeterm.wordpress.com/>>. Acesso em: 20 abr. 2013.

LE GOFF, Jacques. **História e memória.** Campinas: Unicamp, 1996.

LUCE, Helga Bins. **Depoimento.** [3 de março, 2013]. Porto Alegre. Entrevista concedida a Janete Fonseca.

MASTROBERTI, Maria de Lourdes. **Depoimento.** [15 de janeiro, 2010]. Porto Alegre. Entrevista concedida a Janete Fonseca.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**, São Paulo, n. 10, p. 13-35, 1993.

PICCOLO, Helga Landgraf. **Depoimento.** [14 de janeiro, 2013]. Porto Alegre. Entrevista concedida a Janete Fonseca.

SCHOSSLER, Joana. **As nossas praias:** os primórdios da vilegiatura marítima no Rio Grande do Sul. 2010. 222 f. Dissertação (Mestrado em História)–Programa de Pós-Graduação em História da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

SILVEIRA, José Schmitt. **Depoimento.** [8 de janeiro, 2013]. Porto Alegre. Entrevista concedida a Janete Fonseca.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado:** história oral. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

ZH Zona Sul. Blog. Disponível em: <<http://wp.clicrbs.com.br/zhzonasul/>>. Acesso em: 10 jan. 2013.